

2016



BOLETIM DE PETRÓLEO



I – Cenário Internacional

Na Europa, dois meses após a decisão de deixar a União Europeia, o Reino Unido começa a detalhar seu plano de saída, em que pretende manter a cooperação com o bloco em assuntos de segurança, mas pretende discutir acordos comerciais com outros países. A produção industrial da zona do euro caiu 1,1% em julho, depois de um avanço de 0,8% um mês antes. A taxa de desemprego ficou em 10,1% em julho, estável em comparação com o mês anterior e abaixo dos 10,8% de julho de 2015, registrando taxa mais baixa na região desde julho de 2011. O índice de preços ao consumidor na zona do euro subiu 0,2% em agosto em comparação ao mesmo mês de 2015.

Nos EUA, a campanha eleitoral entrou em sua fase final e a disputa está cada vez mais acirrada entre Donald Trump e Hillary Clinton. Segundo um dos dirigentes do FED, o fato de os Estados Unidos estarem em período eleitoral não afeta as decisões sobre taxas de juros, já que são avaliados dados econômicos e não políticos. De acordo com o “Livro Bege”, a economia continuou a se expandir em ritmo modesto em julho e agosto e deve manter esta trajetória no terceiro trimestre. Apesar de alguns dirigentes defenderem que o cenário macroeconômico é favorável para a elevação dos juros na próxima reunião do FED, que deve ocorrer nos dias 20 e 21 de setembro, analistas acreditam que os juros só devem começar a subir a partir de dezembro.

A China, no encerramento da cúpula do G-20, reiterou seu compromisso de reduzir o excesso de capacidade de produção de aço, mas cobrou que os parceiros se abstenham de medidas protecionistas no comércio mundial. O índice de preços ao consumidor na China aumentou 1,3% em agosto, na comparação com um ano antes, depois de uma alta de 1,8% em julho, no mesmo tipo de confronto. A inflação de agosto é a mais baixa desde outubro de 2015. Os dados demonstrados demonstram evidências de uma economia estável.

No Brasil, o processo de Impeachment foi concluído e Dilma Rousseff foi afastada definitivamente da presidência, assumindo o cargo seu vice-presidente Michel Temer. Com a mudança de governo, sobe a pressão sobre a aprovação do ajuste fiscal e de reformas como a Previdência, o que segundo o ministro chefe da Casa Civil, Eliseu Padilha, são prioridades para o governo. Tanto no Brics como no G-20, o presidente Temer enfatizou que o objetivo primordial de seu governo é promover o ajuste estrutural dos gastos públicos num horizonte de 20 anos. De acordo com o boletim Focus, o mercado voltou a ajustar para cima as projeções de inflação para este ano, de 7,34% para 7,36% a estimativa de alta do IPCA. No caso da taxa de juros, foi mantida a previsão de que termine 2016 em 13,75% e encerre 2017 em 11%. A taxa SELIC foi mantida na última reunião do COPOM em 14,25%, como era esperado pelo mercado. Olhando para a atividade econômica, a expectativa é de que o Produto Interno Bruto (PIB) tenha contração de 3,18% neste ano, em vez de recuo de 3,20%, e registre crescimento de 1,30% em 2017.

II - Preços

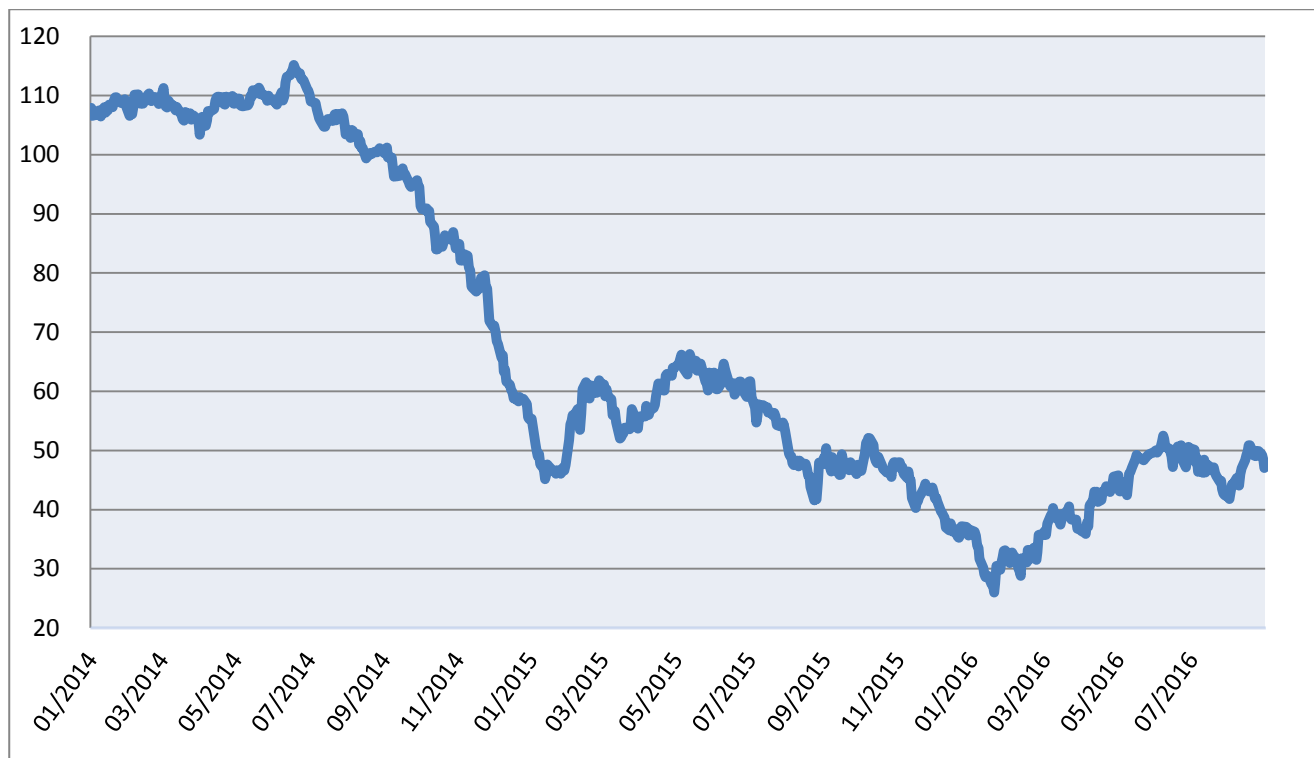
Os preços do petróleo registraram no mês de Agosto um valor mínimo de US\$ 41,80, máximo de US\$ 50,89 e média de US\$ 47,16, com aumento de 1,34% em relação ao mês anterior.

O Departamento de Energia dos EUA (DoE) informou que os estoques norte-americanos de petróleo bruto tiveram queda de 0,6 milhões na semana encerrada em 9 de setembro, para 510,8 milhões de barris. A redução contrariou a expectativa de analistas, que esperavam um aumento de 5,4 milhões de barris. A previsão da Agência Internacional de Energia (AIE) para o preço médio do barril em 2016 é de US\$ 43, acima de US\$ 42 que fora previsto no mês passado.

Apesar dos estoques da *commodity* se manterem altos, a melhoria do cenário econômico mundial indica que a demanda deve voltar a crescer, levando as variáveis macroeconômicas a um ponto de equilíbrio. Esta perspectiva tem ajudado a recuperar os preços do barril de petróleo nos últimos meses.

O gráfico 1, mostra a queda acentuada no preço do barril de petróleo, a partir do segundo semestre de 2014. No mês de fevereiro, atingiu a média mínima mensal de US\$ 31,93, com uma tendência de melhora a partir deste momento.

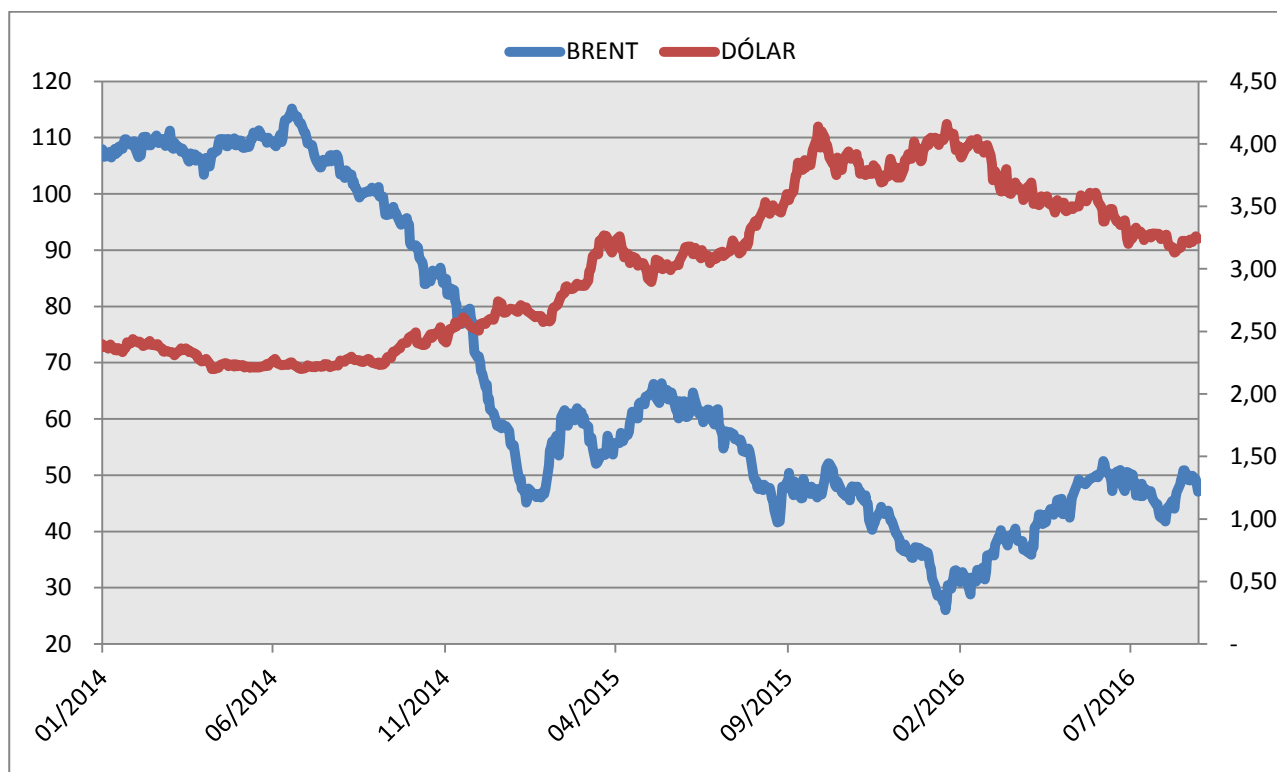
Gráfico 1: Preço do Brent



Fonte: ICE/ GOP

O gráfico 2, mostra o cálculo da correlação entre as variáveis, preço do petróleo e taxa do câmbio, mostrando uma negatividade de 0,90 entre janeiro de 2014 e agosto de 2016, podendo ser considerada uma correlação muito forte. A desvalorização da moeda norte-americana nos últimos meses é outro fator que tem corroborado para a recuperação dos preços do petróleo. Segundo o Boletim Focus, de 9 de setembro de 2016, a expectativa para 2016 é que o câmbio encerre cotado em R\$ 3,25. Há 4 semanas a expectativa era de R\$ 3,30.

Gráfico 2: Brent X Dólar



Fonte: GOP/ICE/Bacen

III - Demanda

Segundo dados da OPEP, a demanda global para 2016 deve crescer 1,23 milhão de barris por dia (mb/d) em relação a 2015, com consumo total de 94,27 mb/d.

Para a EIA, a expectativa de demanda por petróleo em 2016 aumentou em relação à previsão do relatório anterior e se manteve a mesma para 2017, com Índia e China sendo os principais consumidores. Para 2016 espera-se crescimento de 1,5 mb/d em relação a 2015. Para 2017, o crescimento da demanda deve ser um pouco menor: 1,4 milhão de barris em relação a 2016.

Ambas as agências esperam aumento de demanda, ainda que gradativa, nos anos de 2016 e 2017, o que pode dar mais equilíbrio ao mercado, reduzindo o excesso de oferta global e recuperando assim seu preço.

IV – Oferta

A AIE espera queda da produção de petróleo nos países fora da OPEP, principalmente nos EUA. A produção deve reduzir cerca de 0,4 milhão de barris por dia em 2016 e 0,2 milhão em 2017.

Nos países integrantes da OPEP, segundo a AIE, a produção deve aumentar 0,7 milhão de barris ao dia em 2016 e 0,5 milhão em 2017. A projeção, para esses países, se manteve a mesma para 2016 e menor para 2017, em relação ao relatório anterior.

Para a OPEP, os países não integrantes de seu bloco terão um declínio de produção de 0,61 milhão em 2016, demonstrando uma contração em relação ao último relatório, em que era prevista a queda de 0,79 milhões de barris. Apesar das incertezas da previsão, esta revisão para cima deve-se a uma produção maior que a esperada nos EUA e Noruega.

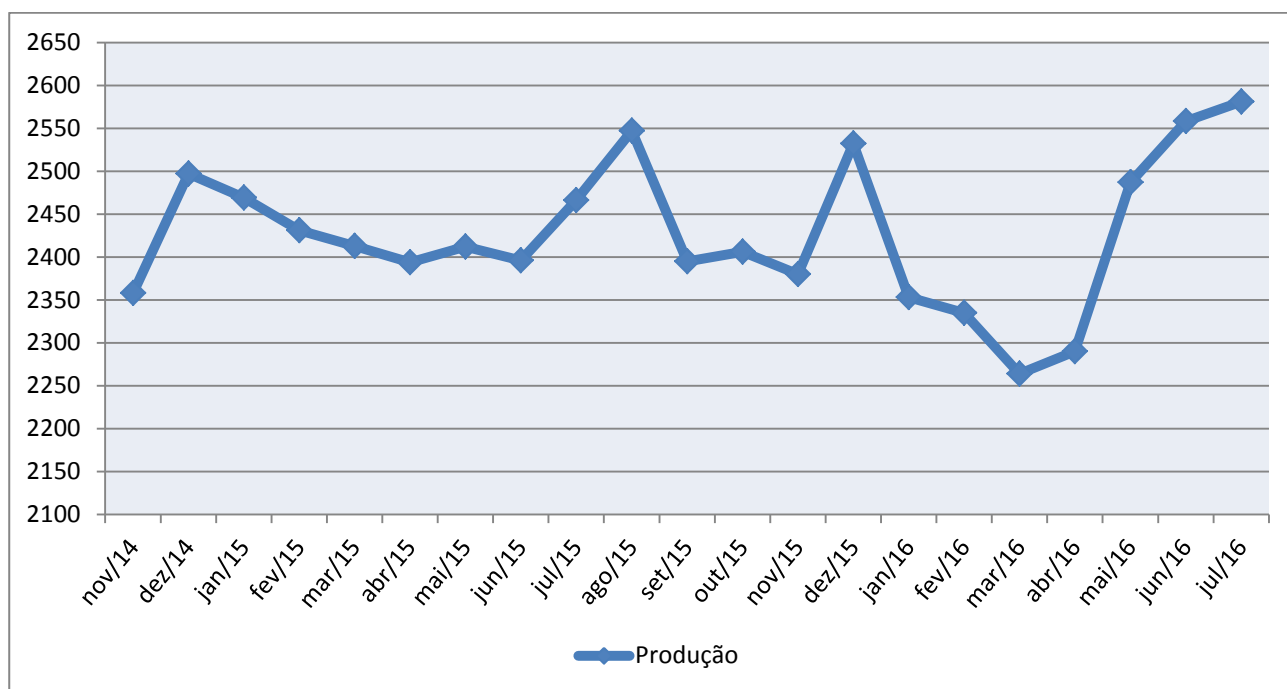
Já os países integrantes do bloco tiveram queda em sua produção de 23 toneladas de barris ao dia, consequência da diminuição da produção principalmente na Nigéria e Líbia.

Apesar da previsão de um menor declínio na produção de países não integrantes da OPEP, a oferta tem caído em diversos países dentro e fora do grupo. Além disso, os estoques globais tendem a cair, devido ao aumento da demanda global, e há perspectiva de que o mercado possa se equilibrar a partir do último trimestre de 2017.

V – Brasil

Segundo a Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a produção de petróleo no mês de julho foi de 2.581 mil barris por dia, configurando elevação de 0,9% em relação ao mês de junho, superando o recorde do mês anterior (produção de 2.558 Mbbl/dia) e mantendo a tendência de elevação, conforme demonstrado no gráfico 3.

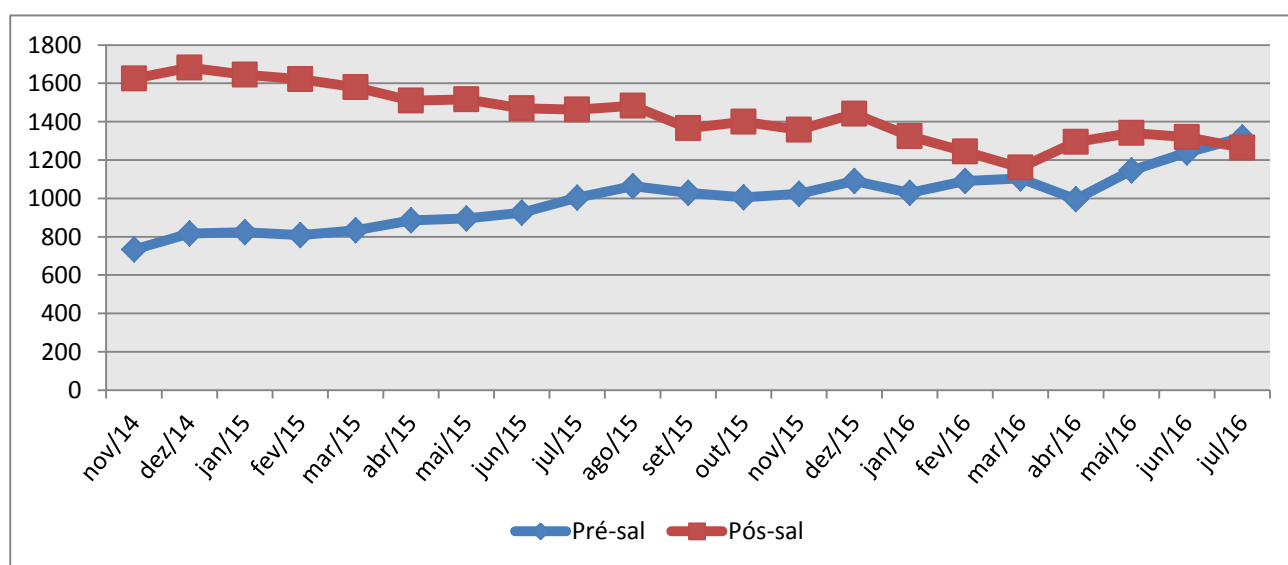
Gráfico 3: Histórico de produção de petróleo



Fonte: ANP/GOP

O campo de Lula, na Bacia de Santos, foi o que mais produziu petróleo no mês em análise: média de 558,2 mil barris por dia, representando 21,62% da produção nacional. No pré-sal foi registrado uma produção de petróleo de 1.060 mil barris, de um total de 65 poços, representando 6% de aumento produtivo em relação ao mês anterior e novo recorde de produção, conforme pode ser verificado no gráfico 4.

Gráfico 4: Evolução da produção do Pré-Sal e Pós-Sal



Fonte: GOP

No mês em análise, observa-se que a produção pré-sal, que atingiu novamente níveis recordes, foi a principal responsável pelo aumento da produção nacional. Por outro lado, a produção do pós-sal apresenta queda contínua, quase compensando o pré-sal.

Segundo a ANP, a produção do Rio de Janeiro, responsável por 67% da produção nacional, diminuiu 0,13% em relação ao mês anterior. O aumento de 7,51% na produção do campo de Lula foi sobreposto pela queda nos campos de Roncador e Marlim, que tiveram uma redução de 6,40% e 9,04% em suas produções, resultando na queda da produção fluminense.

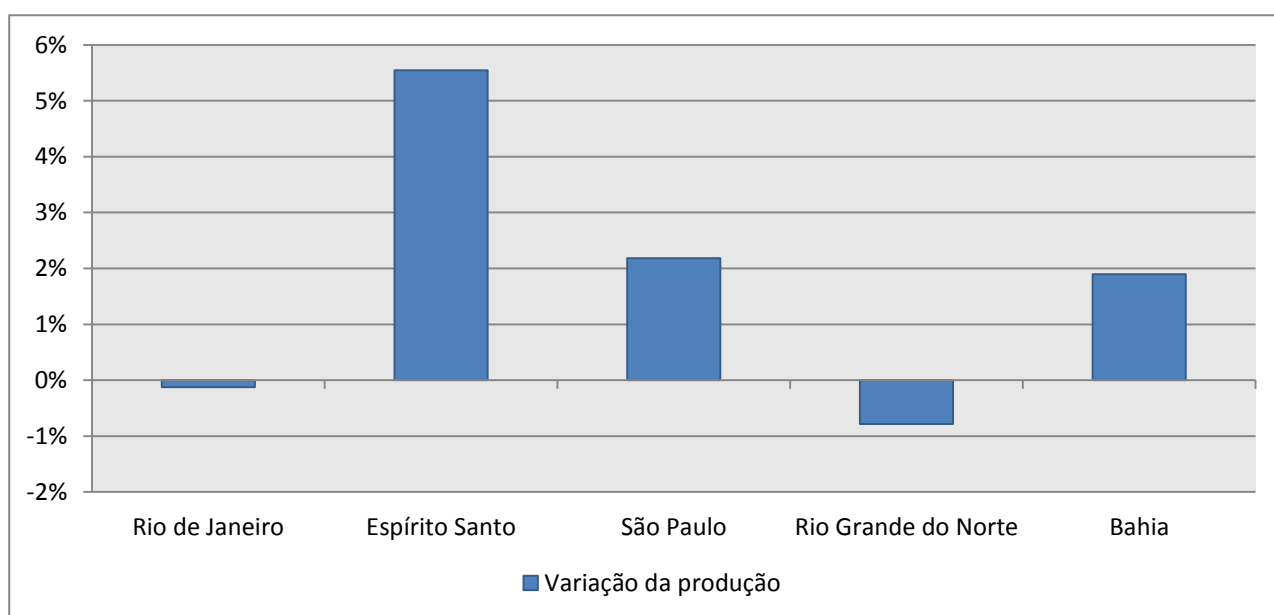
Os Estados do Espírito Santo, São Paulo e Bahia tiveram aumento em sua produção de 5,55%, 2,18% e 1,90%, respectivamente, em relação ao mês anterior, o que pode ser observado no gráfico 6. Na tabela 1 é facilmente perceptível a importância do petróleo para o Estado do Rio de Janeiro, já que a produção dos outros quatro maiores produtores (Espírito Santo, São Paulo, Rio Grande do Norte e Bahia) representam juntos pouco menos da metade da produção estadual do Rio de Janeiro.

Tabela 1: Distribuição da Produção por Estado

ESTADO	PETRÓLEO (bbl/d)	CAMPOS PRODUTORES
Rio de Janeiro	1.738.971	44
Espírito Santo	404.074	44
São Paulo	280.832	5
Rio Grande do Norte	55.965	78
Bahia	36.736	81

Fonte: ANP

Gráfico 5: Variação da produção – Principais produtores estaduais



Fonte: GOP

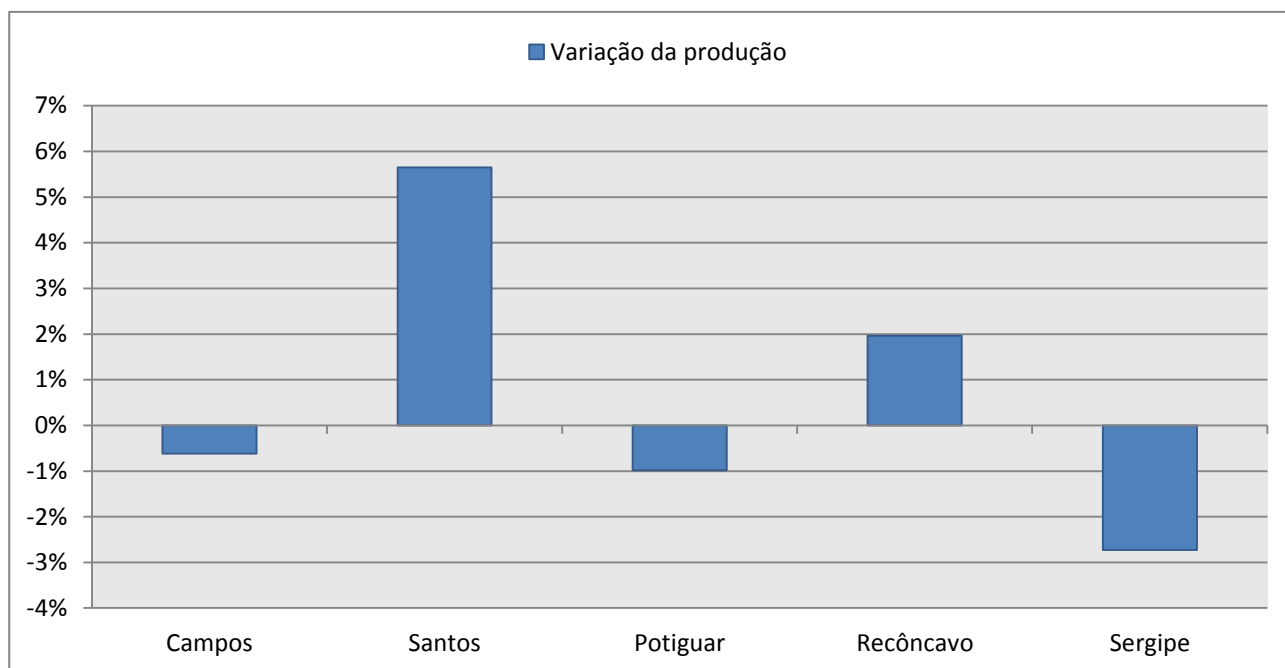
A bacia de Campos, localizada na costa do Rio de Janeiro e Espírito Santo, e a bacia de Santos, no Rio de Janeiro e São Paulo, representam a fonte de 93% da produção nacional, o que comprova uma extrema concentração da capacidade produtiva nestes três estados, com destaque para o Rio de Janeiro. Tal afirmação pode ser observada na tabela 2.

Tabela 2: Distribuição da Produção por Bacia

BACIA	Nº CAMPOS PRODUTORES	PRODUÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Campos	46	1.521.639	Rio de Janeiro/Espírito Santo
Santos	10	873.402	Rio de Janeiro/São Paulo
Potiguar	80	57.544	Rio Grande do Norte
Recôncavo	75	36.412	Bahia
Sergipe	17	29.781	Sergipe

Fonte: GOP

Gráfico 6: Variação de produção das principais bacias



Fonte: GOP